

O Clube de Paris espera bom senso do Brasil

O Brasil poderá perder uma excelente ocasião para negociar em boas condições, a exemplo do que já fizeram esta semana a Argentina e o Zaire, o reescalonamento de parte de sua dívida com o Clube de Paris. Por essa razão, os meios mais próximos do Tesouro francês, responsáveis pela secretaria do Clube, não acreditavam ontem em Paris que o País possa estender a moratória decretada para sua dívida comercial para a área dos bancos ligados à dívida oficial, isto é, garantida pelos governos, junto ao Clube de Paris, como está ameaçando o próprio ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. Se tal decisão for adotada poderá ser interpretada como mais um passo no confronto com a comunidade financeira internacional, no momento em que os países que participam do Clube de Paris se dispõem a criar condições mais flexíveis para os diversos países devedores. Além disso, as mesmas fontes do Clube de Paris lembram que os sinais vindos de Brasília são no sentido contrário, isto é, de entendimento e não de confronto.

Como se sabe, a negociação concluída no início do ano entre o Clube e o governo brasileiro alcançou apenas vencimentos até o final do primeiro semestre, esperando-se que o País compareça novamente ao Hotel Majestic, na capital francesa, para negociar vencimentos a partir de primeiro de junho. Esses mesmos setores revelavam ontem que até agora não existe nenhuma data marcada para as negociações brasileiras, mas lembraram que as boas relações entre a Argentina e o Zaire com o FMI facilitaram a conclusão dos acordos desses países com a instituição, uma insinuação para que o Brasil

siga o mesmo caminho. Nesse sentido, citase o restabelecimento dos contatos com o FMI, através da visita recente de um emissário a Brasília.

A Argentina concluiu quarta-feira em Paris um acordo com seus credores públicos, renegociando créditos no valor de 2,1 bilhões de dólares com vencimentos a partir de janeiro de 1986 e até junho de 1988. O reembolso desses créditos foi adiado por dez anos com seis de carência, atingindo a totalidade do principal e dos juros. Esse acordo prevê também o pagamento nos próximos dois anos e meio dos juros em atraso.

Mas a melhor negociação foi obtida pelo Zaire junto a seus credores públicos do Clube de Paris, no último dia 18, segunda-feira. Um reescalonamento que constitui a primeira aplicação concreta do plano dos países industrializados ligados a essa instituição de tornar mais flexíveis as condições de pagamento da dívida dos países mais pobres. Foi a França quem primeiro defendeu esse caminho, no mês de abril, no FMI, sendo seguida por outros países europeus, entre eles a Grã-Bretanha. Assim sendo, o Clube de Paris reescalou cerca de 900 milhões de dólares de dívida do Zaire, vencimentos de maio de 1987 a maio de 1988, aumentando de dez para 15 anos o prazo de reembolso e de cinco para seis o de carência. Esse acordo alcança o principal e os juros, inclusive a parte de juros acumulados em atraso. Isso acontece após um período de quase ruptura do Zaire com o FMI, em 1986, instituição que há quatro anos vinha pilotando a economia desse país africano. Nesse período, a inflação disparou e as reservas estiveram quase a zero, em razão da

queda do fluxo de capitais e dos preços de matérias-primas. Em outubro do ano passado, o Zaire chegou a anunciar o abandono das recomendações do Fundo, decretando uma alta do salário na função pública e decidindo limitar o pagamento dos juros de sua dívida a apenas 10% de suas receitas de exportação. Isso, entretanto, durou muito pouco tempo, tendo a situação se deteriorado rapidamente, levando os dirigentes desse país a restabelecer o diálogo normal com o FMI. Hoje, voltando a ser o "bom aluno" de antes, o Zaire está se beneficiando de condições excepcionais, mas ninguém pode considerar esse balão de oxigênio como o início de uma solução de longo prazo para esse problema.

Aliás, ninguém, na Europa, considera que a crise da dívida poderá ter um começo de solução antes de 1990 e isso porque os preços de matérias-primas, base das exportações dos países pobres, continuam fortemente deprimidos, enquanto as taxas de juros praticadas permanecem exageradamente elevadas.

Alguns esforços poderão se concretizar durante a reunião de cúpula de Veneza dos países industrializados, mas alcançando apenas os mais pobres, certos países africanos, num total de 20 bilhões de dólares de créditos. Prazos de até 20 anos com dez de carência poderão ser recomendados pelos governantes para a renegociação de certos créditos comerciais; isso poderia corresponder a uma semi-anistia. Na área oficial, o Clube de Paris procura dar o exemplo, mas no setor da dívida comercial as coisas sempre são mais complicadas.

Reali Júnior, de Paris